



# A Santa Sé

---

## SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS XIII DIA MUNDIAL DA PAZ

### *HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II*

*1º de Janeiro de 1980*

1. Hoje, no horizonte da história da humanidade, apareceu nova data: 1980. Apareceu apenas há poucas horas e acompanhar-nos-á todos os dias que se vão seguir durante este ano, até 31 de Dezembro próximo. Saudamos este primeiro dia e o Ano novo inteiro, em todos os lugares da terra. Saudamo-lo aqui, na Basílica de São Pedro, no coração da Igreja, com toda a riqueza do conteúdo litúrgico, que traz consigo este primeiro dia do Ano novo.

Hoje decorre também o último dia da oitava do Natal. A grande festa da Encarnação do Verbo Eterno continua a estar presente nele e em certo sentido nele ressoa como último eco. O nascimento do homem encontra sempre ressonância mais profunda na mãe, e por isto o último dia da oitava do Natal, que é contemporaneamente o primeiro do Ano novo, é dedicado à Mãe do Filho de Deus. Neste dia veneramos a sua Divina Maternidade, assim como a venera toda a Igreja no Oriente e no Ocidente, alegrando-se com a certeza de tal verdade, em particular desde os tempos do Concílio de Éfeso, no ano de 431.

É, além disso, queremos dedicar este primeiro dia do Ano novo, que para a Igreja é festa tão grande, à grande *causa da paz na terra*. Permanecemos assim fiéis à verdade do Nascimento de Deus, porque de facto a ele pertence aquela primeira mensagem de paz, na história da Igreja, pronunciada em Belém: *Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do Seu agrado* (Lc 2, 14). Na continuação dessa coloca-se também a mensagem de hoje, para a celebração do Dia Mundial da Paz, mensagem que a Igreja dirige a todos os homens de boa vontade, para demonstrar que *a verdade é fundamento e força da paz no mundo*. Juntos com esta mensagem de paz vão os fervorosos votos, que a Igreja dirige a todos os homens a cada um e a todos sem excepção usando as palavras da primeira leitura bíblica da liturgia de hoje.

*O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor fava resplandecer a Sua face sobre ti e te seja benevolente. O Senhor dirija o Seu olhar para ti e te conceda a paz* (Num. 6, 24-26).

2. A verdade, para que apelamos na mensagem deste ano para o dia 1 de Janeiro, é *primeiro que tudo verdade sobre o homem*. O homem vive sempre em comunidade, pertence mesmo a diversas comunidades e sociedades. E filho ou filha da sua nação, herdeiro da sua cultura ou representante das suas aspirações, em vários modos depende de sistemas económicos, sociais e políticos. As vezes parece-nos que está comprometido neles tão profundamente, que há a impressão de ser impossível vê-lo e chegar a ele em pessoa, tantos são os condicionamentos e os determinismos da sua existência terrestre.

Todavia, é necessário fazê-lo, é necessário tentá-lo incessantemente. *E necessário voltar sem descanso às verdades fundamentais sobre o homem*, se queremos servir a grande causa da paz na terra. A liturgia de hoje alude precisamente a esta verdade fundamental sobre o homem, em particular por meio da leitura enérgica e concisa da carta aos Gálatas. Cada homem nasce numa mulher, assim como da Mulher nasceu o Filho de Deus, o homem Jesus Cristo.

*E o homem nasce para viver.*

A guerra é sempre feita para matar. É destruição de vidas concebidas no seio de mães. A guerra é contra a vida e contra o homem, O primeiro dia do ano, que com o seu conteúdo litúrgico concentra a nossa atenção na Maternidade de Maria, é, já por isso mesmo, anúncio de paz. A Maternidade revela, de facto, o desejo e a presença da vida; manifesta a santidade da vida. Pelo contrário, guerra significa destruição da vida. A guerra no futuro poderia ser obra de destruição, tal como não a podemos imaginar, da vida humana toda.

O primeiro dia do ano recorda-nos que *o homem nasce para a vida, na dignidade que lhe é devida*. E a primeira dignidade é a que deriva da sua humanidade mesma. Sobre esta base apoia-se também aquela dignidade que revelou e trouxe ao homem o Filho de Maria: *...ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de Mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que se encontravam sob o jugo da Lei e para que recebêssemos a adopção de filhos. Portanto, já não és servo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiro, pela graça de Deus (Gál 4, 4-7)*.

A grande causa da paz no mundo entretece-se, nos seus fundamentos mesmos, com estas duas grandezas: o valor da vida e a dignidade do homem. Para elas devemos apelar incessantemente, ao servirmos esta causa.

3. O ano de 1980, que hoje começa, recordar-nos-á a *figura de São Bento* que Paulo VI proclamou *padroeiro da Europa*. Perfazem-se este ano quinze séculos sobre o seu nascimento. Será suficiente uma simples recordação, assim como se comemoram os diversos aniversários, mesmo importantes? Penso que não basta; esta data e esta Figura possuem tal eloquência que não bastará uma normal comemoração, mas será necessário reler e interpretar A. sua luz o mundo contemporâneo.

De que fala, de facto, São Bento de Nórcia? *Fala do início do trabalho gigantesco de que nasceu a Europa*. Ela nasceu, em certo sentido, depois do período do grande império romano. Nascendo das suas estruturas culturais, graças ao espírito beneditino, ela extraiu desse património e encarnou na herança da cultura europeia e universal tudo aquilo que, doutro modo, se teria perdido. *O espírito beneditino está em antítese com qualquer programa de destruição*. É espírito de recuperação e promoção, nascido da consciência do plano divino salvífico e educado na união quotidiana da oração com o trabalho.

Deste modo São Bento, que viveu no fim da antiguidade, salvaguardou a herança que esta deixou ao homem europeu e à humanidade. Simultaneamente, ele está no começo dos novos tempos, nos alvares da Europa que então nascia do cadinho das migrações de novos povos. Abrange, com o seu espírito, mesmo a Europa do futuro. Não só nascem e se conservam, no silêncio das bibliotecas beneditinas e nos «scriptoria», as obras da cultura espiritual, mas também se formam, à volta das Abadias, centros activos de trabalho, sobretudo trabalho dos campos; assim se desenvolvem o engenho e a capacidade humana, que constituem o fermento do grande processo da civilização.

4. Recordando tudo isto já hoje, no primeiro dia do jubileu beneditino, devemos dirigir-nos com ardente mensagem a todos os homens e a todas as nações, sobretudo aos que habitam o nosso continente. Os assuntos que alertaram a opinião pública europeia no decorrer das últimas semanas do ano que agora terminou, requerem de nós que *pensemos com solicitude no futuro*. Constringem-nos a tal solicitude as notícias sobre tantos meios de destruição, de que poderiam ser vítimas os frutos desta rica civilização, elaborados com esforço por muitas gerações a começar da época de São Bento. Pensamos nas cidades e aldeias — no Ocidente e no Oriente — que, com os meios de destruição já conhecidos, poderiam ser completamente reduzidas a escombros. Em tal caso, quem é que poderia proteger os maravilhosos *ninhos da história e os centros da vida e da cultura* de cada Nação, que constituem a fonte e o suporte de inteiras populações no seu caminho, às vezes difícil, rumo ao futuro?

Recebi, recentemente, de alguns cientistas, uma previsão sintética das consequências imediatas e terríveis de uma guerra nuclear. Eis as principais:

— A morte, por acção directa ou retardada das explosões, de uma população que poderia ir de 50 a 200 milhões de pessoas;

— Uma drástica redução dos recursos alimentares, causada pela radioactividade depositada em largas extensões de terras utilizáveis para a agricultura;

- Mutações genéticas perigosas, que sobreviriam nos seres humanos, na fauna e na flora;

— Alterações consideráveis na camada de ozono da atmosfera que exporiam o homem a

incógnitas maiores, prejudiciais à sua vida;

— Em qualquer cidade atingida por uma explosão nuclear, a destruição de todos os serviços urbanos e o terror provocado pela tragédia impediriam que se oferecessem os socorros mínimos aos habitantes, criando terrível pesadelo.

Bastariam apenas 200 das 50.000 bombas nucleares que se pensa existem já, para destruir a maior parte das grandes cidades do mundo. É urgente, dizem aqueles cientistas, que os povos não fechem os olhos sobre o que uma guerra nuclear pode representar para a humanidade.

5. Chegam estas poucas reflexões para nós fazermos a pergunta: podemos continuar neste caminho? A resposta é clara.

O Papa discute o tema do perigo da guerra e da necessidade de salvar a paz com muitos homens e em diversas ocasiões. O caminho para tutelar a paz passa através de colóquios e de negociações bilaterais ou multilaterais. Todavia, na sua base, devemos reencontrar e reconstruir um coeficiente principal, sem o qual elas por si sós não darão fruto e não assegurarão a paz. É necessário *reencontrar e reconstruir a confiança recíproca!* E este é um problema difícil. A confiança não se adquire por meio da força. Nem se obtém apenas com declarações. A confiança é preciso merecê-la com gestos e factos concretos.

«Paz aos homens de boa vontade». Estas palavras, uma vez pronunciadas no momento do nascimento de Cristo, já não deixam nunca de ser a chave da grande causa da paz no mundo. É necessário que as recordem sobretudo aqueles de quem depende a paz.

6. Hoje é dia de grande e universal oração pela paz no mundo. Unamos esta oração ao mistério da Maternidade da Mãe de Deus. E a Maternidade é uma mensagem incessante a favor da vida humana, pois se pronuncia, mesmo sem palavras, contra tudo o que a destrói e a ameaça. Não se pode encontrar nada, em maior oposição à guerra e ao homicídio, do que a própria maternidade.

Elevemos, portanto, a nossa grande oração universal pela paz na terra, inspirando-nos *no mistério da Maternidade d'Aquela* que deu a vida humana ao Filho de Deus.

E, finalmente, exprimamos esta oração *servindo-nos das palavras da liturgia*, que contêm um voto de verdade, de bem e de paz para todos os povos da terra:

*«Deus tenha piedade de nós e nos abençoe, / e faça resplandecer sobre nós a luz da Sua face; / para que se conheçam na terra os Seus caminhos, / e entre as nações a Sua salvação. / Louvem-Vos, ó Deus, os povos, / todos os povos Vos glorifiquem. / Alegrem-se e exultem as nações, / porquanto regeis os povos com equidade, / e conduzis as nações sobre a terra. / Louvem-Vos, ó*

*Deus, os povos, / todos os povos Vos glorifiquem. / A terra deu o seu fruto, / abençoou-nos o Senhor, nosso Deus. Sim, Deus nos abençoe e reverenciem-n'O todos os confins da terra (Sl. 66 (67) ».*

© Copyright 1980 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana